

## NO LIMIAR DA CISÃO: A TERCEIRA MARGEM DO DEBATE MODERNISMO ESPANHOL X GERAÇÃO DE 98

OLIVEIRA NETO, Walter Pinto<sup>1</sup>  
FEITOSA, Márcia Manir Miguel<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente ensaio pensa o termo azoriniano: *Geração de 98*, o qual revela uma postura crítica, cuja intenção principal é a de dividir o modernismo espanhol em duas vertentes ideológicas, uma fútil e outra útil. O objetivo deste estudo é o de encontrar as hipotéticas falhas desse esquema, que mais tarde seria seguido, aprofundado e expandido por autores como Pedro Salinas (2001), Laín Entralgo (1967) e Guillermo Díaz-Plaja (1979). Nossa pretensão é a de aportar uma terceira via a tal dualismo, a da *anticisão*, que libera o leitor de uma axiologia que relega uma série de escritores, intitulados depreciativamente de modernistas, ao esquecimento, impondo, em seu lugar, um seletivo grupo de intelectuais, intitulados nobremente de *Geração de 98*, para quem a prerrogativa principal foi a de mudar o mundo por meio de uma literatura engajada. A fim de explorar esses terrenos, valho-me dos textos de autores a favor da divisão azoriniana; textos das figuras da *Geração de 98*, como Miguel de Unamuno (1950), Pío Baroja (2010), Antonio Machado (1957) e José Ruiz “Azorín” (1971), assim como do modernismo: Darío (2016, 2021).

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura espanhola; *Geração de 98*; Modernismo; *Anticisão*.

## EN EL LIMIAR DE LA CISION: LA TERCERA MARGEN SIN MARGEN DEL DEBATE MODERNISMO ESPANHOL X GENERACION DEL 98

---

<sup>1</sup> Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLetras da UFMA, na linha de perspectivas críticas e teóricas em literatura (2021-2023). Membro dos grupos de pesquisa TECER (UEMA) e GEPLIT (UFMA). Contato: walteroliveira16@outlook.com

<sup>2</sup> Mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) e Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela USP. Professora Titular do Departamento de Letras, Bolsista de Produtividade do CNPq – nível 1D e docente do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade e PG-Letras da UFMA. Contato: marcia.manir@ufma.br.

**RESUMEN:** El presente ensayo piensa el término azoriniano: *Generación del 98*, el cual expone una postura crítica, cuya intención principal es la de dividir el modernismo español en dos vertientes ideológicas, una fútil y otra útil. El objetivo de este estudio es el de encontrar las hipotéticas fallas de ese esquema, que más tarde sería seguido, profundado y expandido por autores como Pedro Salinas (2001), Laín Entralgo (1967) y Guillermo Díaz-Plaja (1979). Nuestra pretensión es la de aportar una tercera vía a tal dualismo, la de la *anticisión*, que libera al lector de una axiología que relega a una serie de escritores, intitulados despreciativamente de modernistas, al olvido, imponiendo, en cambio, a un selecto grupo de intelectuales, intitulados noblemente de *Generación del 98*, para quien la prerrogativa principal fue la de cambiar el mundo por medio de una literatura comprometida. Para explorar esos terrenos, nos valemos de los textos de autores favorables a la división azoriniana textos de las figuras de la *Generación del 98*, como Miguel de Unamuno (1950), Pío Baroja, Antonio Machado (1957) y José Ruiz “Azorín” (1971), así como del modernismo: Darío (2016, 2021).

**PALABRAS-CLAVE:** Literatura española; *Generación del 98*; Modernismo; *Anticisión*.

*Quien se sienta a la orilla de las cosas  
Resplandece de cosas sin orillas.  
 (“Verano”, de Ida Vitale)*

## I

Mais de um século passou desde que Azorín (1873 – 1967), no seu famoso ensaio intitulado “La Generación del 98” (1913), incluído na coletânea *Clásicos y modernos*, unificara aqueles escritores do seu tempo que considerava possuidores de um mesmo espírito. Segundo o intelectual, a renovação das letras espanholas tinha, ademais de si mesmo, os seguintes componentes: “Valle-Inclán, Unamuno, Benavente, Baroja, Bueno, Maeztu y Rubén Darío” (AZORÍN, 1971, p. 174), cujas influências mais notórias são José Echegaray, Ramón de Campoamor e Benito Pérez Galdós (AZORÍN, 1971).

A criação do termo *Geração de 98* surgiu como contraponto à ideia de que, nas primeiras décadas do século XX, a literatura espanhola compartilhava dos mesmos hábitos estéticos e filosóficos que os modernistas de outras regiões da Europa e latino-américa. Sobre o termo “modernistas”, Azorín e outros críticos espanhóis contemporâneos a ele se sentiam desconfortáveis com ele, uma vez que a geração que tentavam negar reincidentemente, a anterior, a dos realistas e naturalistas, ressentiam-se em estar sob a orientação artística dos

grandes nomes europeus – como Zola, Ibsen, Dickens ou Flaubert. Por isso, na visão de Azorín, Espanha e sua arte deveria desmembrar-se dos seus vizinhos de ocidente, pois só assim conseguiria voltar à era de ouro da literatura pátria, isto é, voltar à Idade Média, único momento em que se fez arte genuinamente espanhola – eis o movimento de regresso que o grupo, na visão do autor, propunha.

Como salientamos no começo, mais de um século passou desde o ensaio de Azorín, e, ainda assim, a cisão entre Modernismo e Geração de 98 segue vigente nos livros didáticos de literatura espanhola, manuais de literatura espanhola moderna, cursos de literatura espanhola e ementas de disciplinas de literatura espanhola de faculdades espanholas, hispanoamericanas (EKAITZ, 2021) ou brasileiras, por exemplo. Partindo dessa asserção crítica e historiográfica consolidada, o que pretendemos mostrar neste ensaio é uma alternativa a esse maniqueísmo, evidenciando, num primeiro momento, o que os autores a favor dessa cisão alegam para defender seu ponto de vista; e, num segundo momento, defender nossa perspectiva, valendo-nos de algumas noções críticas e teóricas que, em síntese, rompam ou, ao menos, desequilibrem a rigidez do programa azoriniano.

Não obstante, antes de iniciarmos nossa “contenda”, gostaríamos de mencionar que seria injusto afirmar que a tentativa de abolir a dualidade do modernismo espanhol não fora debatida e/ou rechaçada por vários críticos surgidos na segunda década do século XX, como Shaw (1982), Fox (1992) Brown (2000), Cuvadic-García (2009) ou Marçal (2020), mostrando, com isso, que partimos de uma base sólida. Sem embargo, nossa proposta não pretende tampouco abraçar integralmente a vertente crítica que decidimos nomear, por falta de uma nomenclatura melhor, de *anticisão*, uma vez que reproduz segmentos significativos das ideias *pró-cisão*. Assim, o que aqui sugerimos é uma terceira margem, isto é, uma leitura contemporânea da literatura espanhola sem axiologias totalizantes.

## II

Retornando a Azorín, é importante ressaltar que a ousadia do autor em romper o grupo em duas esferas não é tão ousada como se poderia pensar numa primeira leitura. Os próprios integrantes que ele engloba no seu artigo como pertencentes à Geração de 98, em algum momento de sua vida, aceitaram sua filiação ao grupo ou, ao menos, aceitaram sua tendência antimoderna, antimodernista, antieuropeia e/ou antirealista – o que não implica concordar com Azorín no

tocante a serem de fato um grupo unido em espírito, mas sim em concordar que há pautas inerentes aos escritores que ele, Azorín, considerava unidos desse modo.

Miguel de Unamuno (1864 –1936), por exemplo, no artigo “Arte y cosmopolitismo”, ataca o modernismo, afirmando que “la infinitud y la eternidad hemos de ir a buscarlas en el seno de nuestro recinto y de nuestra hora, de nuestro país y de nuestra época. Eternismo y no modernismo es lo que quiero; no modernismo, que será anticuado y grotesco de aquí a diez años, cuando la moda pase” (UNAMUNO, 1950, p. 118)<sup>3</sup>.

Pío Baroja (1872 – 1956) segue a mesma pauta quando menciona que os poetas contemporâneos a ele, os modernistas, são vazios, ocios, caóticos:

No me interesan los poetas contemporáneos. Con raras excepciones, entre las cuales incluyo a Rubén Darío, yo encuentro la poesía actual un poco caótica. No dice nada, ¿verdad?... Se limita a la descripción y a una perfecta técnica; pero no hay espíritu, no hay emoción, no hay ideas. Y, dígame usted, ¿cómo es posible que perdure una poesía sin alma? (BAROJA, s.d. apud FERRERES, 1968, p. 78)<sup>4</sup>.

Tampouco podemos esquecer da grande figura lírica do movimento, Antonio Machado (1875 – 1939), que, na segunda década do XX, também arremete contra a superficialidade filosófica dos modernistas:

Cuando seguimos con alguna curiosidad el movimiento literario moderno, pudiéramos señalar la eclosión de múltiples escuelas aparentemente arbitrarias y absurdas, pero que todas ellas tuvieron un denominador común: guerra al sentimiento, guerra a la razón, es decir a las dos formas de comunicación humana. (MACHADO, 1957, p. 114)<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> A infinidade e a eternidade temos de buscá-las no seio do nosso recinto e da nossa hora, do nosso país e da nossa época. Eternismo e não modernismo é o que quero; não modernismo, que será antiquado e grotesco daqui a dez anos, quando a moda passe. (Tradução nossa).

<sup>4</sup> Não me interessam os poetas contemporâneos. Com raras exceções, incluindo a de Rubén Darío dentre elas, eu considero a poesia atual um pouco caótica. Não diz nada, verdade?... Limita-se à descrição e a uma perfeita técnica; mas não há espírito, não há emoção, não há ideias. E, diga-me você, como é possível que perdure uma poesia sem alma? (Tradução nossa).

<sup>5</sup> Quando seguimos com alguma curiosidade o movimento literário moderno, pudéramos assinalar a eclosão de múltiplas escolas aparentemente arbitrarias e absurdas, mas que todas elas tiveram um denominador comum: guerra ao sentimento, guerra à razão, isto é, às duas formas de comunicação humana. (Tradução nossa).

Gostaríamos de nos deter brevemente nos dois últimos casos, dado que são úteis para entender a heterogeneidade desses autores. Começando pelo último, Antonio Machado, por demorar um pouco mais que os últimos membros da Geração de 98 a participar dos grandes debates da época – a maioria deles em Madri e Barcelona (DÍAZ-RINCÓN, 2017) – este não fora citado por Azorín no seu ensaio. Não obstante, em uma obra posterior, uma autobiografia, *Madrid* (1941), em que narra algumas experiências tidas com amigos na capital da Espanha, Azorín menciona Antonio Machado como figura do grupo (AZORÍN, 1988). E não poderia ser de outra forma, uma vez que Machado segue a trilha estética e filosófica dos autores da Geração de 98, principalmente a de Miguel Unamuno, considerado por Machado seu mentor e do porvir espanhol. Assim o expressa no seu poema “Poema de un día”:

Libros nuevos. Abro uno  
de Unamuno.  
¡Oh el dilecto,  
predilecto  
de esta España que se agita,  
porque nace o resucita!  
Siempre te ha sido, ¡oh Rector  
de Salamanca!, leal  
este humilde profesor  
de un instituto rural.  
Esa tu filosofía  
que llamas diletantesca,  
voltaria y funambulesca,  
gran don Miguel, es la mía.  
(MACHADO, 1997, p. 87)<sup>6</sup>.

A consolidação de Machado na Geração de 98 se faz patente nas grandes obras que estudam o movimento, sendo colocado por Shaw (1982b) como o único poeta, junto a Unamuno, que resistiria – ou ao menos tentaria – à influência do modernismo proveniente de todos os cantos de ocidente.

---

<sup>6</sup> Livros novos. Abro um/ de Unamuno. Oh, o dileto,/ Predileto/ desta Espanha que se agita,/ porque nasce ou ressuscita!/ Sempre foi-te, oh Reitor/ de Salamanca!, leal/ este humilde professor/ de um instituto rural./ Essa tua filosofia/ que chamas dilantesca,/ girante e funambulesca,/ grande Dom Miguel, é a minha. (Tradução nossa).

O segundo caso, o de Baroja, é intrigante, pois sua relação no tocante ao nome dado ao grupo é, no mínimo, contraditória. Nossa confusão – e a de outros tantos críticos, como Entralgo (1967) – se dá por três vias discrepantes em que o autor se encaminha quando fala do grupo. A primeira é a da negação:

Yo siempre he afirmado que no creía que existiera una generación del 98. El invento fue de Azorín, y aunque no me parece de mucha exactitud, no cabe duda que tuvo gran éxito, porque se ha comentado y repetido en infinidad de periódicos y de libros no sólo de España, sino del extranjero. El concepto venía a llenar un hueco, como se decía antes con un clisé periodístico, un tanto desgastado a fuerza de uso. Una generación que no tiene puntos de vista comunes, ni aspiraciones iguales, ni solidaridad espiritual, ni siquiera el nexo de la edad, no es una generación. (BAROJA, 2010, p. 136)<sup>7</sup>.

Essa afirmação contida na obra *El escritor según él y los críticos*, cuja primeira tiragem é de 1924, se contradiz com outro trecho das memórias do autor, em que expõe: “la generación del 98, que yo he dicho varias veces que no creo que constituyera una generación, fue un reflejo del ambiente literario, filosófico y estético que dominaba el mundo al final del siglo XIX y que persistió hasta el comienzo de la guerra mundial de 1914” (BAROJA, 2010, p. 156)<sup>8</sup>. A partir disso, parece-nos que Baroja está assumindo que, talvez, não haja tanta distância assim entre os autores da denominada Geração de 98, pois eles compartilham de um *Volkgeist* finissecular, propiciado pela perda das colônias ultramarinas para os EUA em 1898, o que acaba refletindo na sua produção literária e filosófica.

Isso nos permite conjecturar que o que talvez incomodara ao intelectual não era tanto os elementos que ligavam sua geração, mas o termo em si. Por quê? Em 1926, dois anos após a publicação de *El escritor según él y los críticos*, Baroja pronuncia um discurso nomeado por ele de “Tres generaciones”, em que, *grosso modo*, classifica o modernismo espanhol em três

---

<sup>7</sup> Eu sempre afirmei que não acreditava na existência de uma geração de 98. O invento foi de Azorin, e ainda que não me pareça muito exato, não há dúvidas de que teve um grande sucesso, pois se tem falado e repetido isso em inúmeros jornais e livros não só espanhóis, mas também estrangeiros. O conceito viria a preencher um espaço vazio, como antes dizia o clichê jornalístico, um pouco desgastado por usá-lo à força. Uma geração que não tem pontos de vista em comum, nem aspirações iguais, nem solidariedade espiritual, nem sequer o nexo da idade, não é uma geração. (Tradução nossa).

<sup>8</sup> A geração de 98, sobre a qual eu disse várias vezes que não acredito que seja uma geração, foi um reflexo do ambiente literário, filosófico e estético que dominava o mundo no final do século XIX e que persistiu até o começo da Guerra Mundial de 1914. (Tradução nossa).

gerações: a de 1840, a de 1870 e a de 1900. A sua, a de 1870, equivalente à de 98, estaria formada por integrantes tristes, sentimentais e sem luz (BAROJA, 1926 apud ENTRALGO, 1967). Assim, Baroja está concordando, ao menos em tese, na esquematização de Azorín, com a diferença de que no discurso do primeiro não se cita nome algum, somente suas características mais notórias.

Então, qual a razão da recusa da existência de uma Geração de 1898? Entralgo (1967) pergunta-se isso no capítulo 2 da sua obra *Generación del 98*, mas sem aportar hipótese alguma. Não obstante, pensamos que Baroja não gostava da midiatização que o termo conquistou desde a publicação do ensaio de Azorín. Isto é, ser da Geração de 98 significava ser *cult*, pop, moderno – tudo o que os autores desse grupo, principalmente Baroja e Maeztu (1875 – 1936), tentavam não ser. Assim se justifica sua negação; negação que, contudo, resulta numa afirmação ao deixar os postulados críticos de Azorín e mudar o termo; como se trocar o nome da banda, mantendo os músicos e o estilo musical, transfigurasse por arte de magia o estilo musical, ou, ainda, fizesse com que a banda perdesse sua fama.

Apesar de apaixonante, este é um debate que, visado pela óptica dos integrantes da Geração de 98, não vai muito além. Todos, como argumentamos previamente, aderem e ao mesmo tempo negam o termo, mas admitem classificar sua obra, direta ou indiretamente, como disse Azorín, como “un renacimiento: un renacimiento más o menos amplio o más o menos reducido – si quereis –, pero, al cabo, un renacimiento” (AZORÍN, 1971, p. 171 e 172)<sup>9</sup>. Por isso precisamos ir até os críticos, tanto aos modernos como aos contemporâneos, isto é, aos *pró-cisão* e *anticisão*, a fim de encontrarmos o que escondem – e revelam – tais paradigmas.

### III

Até a primeira metade do século XX, os críticos literários de renome que se propuseram a escrever obras sobre a historiografia espanhola moderna/modernista, acompanharam o raciocínio iniciado por Azorín. Dentre os casos mais notórios estão os de Pedro Salinas (1940), Laín Entralgo (1945) e Guillermo Díaz-Plaja (1951). O primeiro, Salinas (1891 – 1950), apresenta na primeira parte da sua obra, *Literatura española siglo XX* (2001), uma série de estudos a respeito do maniqueísmo Geração de 98 x Modernismo, seguindo a pisada de areia azoriniana. Na segunda parte, aborda aspectos específicos da literatura dos autores da Geração

---

<sup>9</sup> Um renascimento: um renascimento mais ou menos amplo ou mais ou menos reduzido – se quiser –, mas, enfim, um renascimento. (Tradução nossa).

de 98, dando especial destaque a Miguel de Unamuno e Ramón del Valle-Inclán (1866 – 1936). No terceiro e último segmento, Salinas escreve sobre os literatos de sua geração, isto é, a Geração de 27, também denominados de Vanguardistas. O livro de Salinas é especialmente marcante na história da literatura espanhola moderna, uma vez que é a primeira obra crítica que junta a Geração de 98 por meio de uma cadeia lógica, para além do *Weltgeist* com o que Azorín justificava a unidade dos escritores do seu tempo.

Salinas inicia sua explanação salientando que há um ponto de partida entre os Modernistas e a Geração, dado que “ambos nacen de una misma actitud: insatisfacción con el estado de la literatura en aquella época, tendencia a rebelarse contra las normas estéticas imperantes, y deseo, más o menos definido, de un cambio que no se sabía muy bien en qué había de consistir” (SALINAS, 2001, p. 13)<sup>10</sup>. Contudo, depois de dizer que a genealogia de ambos movimentos é a mesma, submete um hiato, cuja fonte de validade assemelha-se quase em exatidão com a tese azoriniana:

Mientras el hombre modernista está vuelto hacia las realidades gozosas de la vida, el del 98 se inclina sobre su propia conciencia. Y cuando sale de su mundo interior, el paisaje por donde pasea sus interrogaciones en la tierra eremítica y grave de Castilla, la amada de Unamuno, de Azorín, de Baroja y de Machado. Un viento austero y seco, de alta meseta, corre por entre los escritos de los hombres del 98; ignoran ellos los céfiros anacreónticos del modernismo. (SALINAS, 2001, p. 18-19)<sup>11</sup>.

A fim de validar sua hipótese totalizante, Salinas destaca trechos críticos e excertos líricos de alguns dos autores de 98 que arremetem contra a epistemologia e estética modernista. Uma vez feita a cisão, o autor defende a união dessa geração a partir do esquema do matemático Julius Petersen (1839 – 1910), o qual, na obra *As gerações literárias* (1930), cria algumas condições fundamentais que há de ter uma geração de intelectuais para considerar-se como tal. Salinas resgata e adapta o sistema de Petersen, manifestando que Unamuno, Valle-Inclán,

---

<sup>10</sup> Ambos nascem de uma mesma atitude: insatisfação com o estado da literatura naquela época, tendência a rebelar-se contra as normas estéticas imperantes, e o desejo, mais ou menos definido, de uma mudança em que não se sabia muito bem em que consistiria. (Tradução nossa).

<sup>11</sup> Enquanto o homem modernista está direcionado às realidades gozosas da vida, o de 98 se inclina sobre sua própria consciência. E quando sai do seu mundo interior, a paisagem por onde passeia suas interrogações na terra eremítica e grave de Castilla, a que amam Unamuno, Azorín, Baroja e Machado. Um vento austero e seco, de alta meseta, corre entre os escritos dos homens de 98; ignoram eles os zéfiros anacreônticos do modernismo. (Tradução nossa).

Antonio Machado, Azorín, Jacinto Benavente (1866 – 1954), Pío Baroja, Carlos Arniches (1866 – 1943) e Juan Ramón Jiménez (1881 – 1958) fazem parte de uma mesma geração, pois:

- 1) Nasceram em anos próximos;
- 2) Tiveram uma educação, em todos os âmbitos, párea;
- 3) Abordaram nos seus textos literários e não literários acontecimentos íntimos do ser espanhol;
- 4) Vivenciaram um grande acontecimento histórico: a perda das últimas colônias ultramarinas para os EUA em 1898;
- 5) Possuíram um mesmo orientador filosófico, Nietzsche;
- 6) Compartilharam uma espécie de linguagem geracional;
- 7) Romperam abruptamente com os escritos da geração passada (PETERSEN, 1930 apud SALINAS, 2001).

O esquema de Salinas é falho por várias razões, mas gostaríamos de nos deter em uma só questão que influenciaria nos estudos dos autores *pró-cisã* que viriam a posteriori. O autor, para justificar a união da Geração de 98, destaca com muita mais ênfase os valores ideológicos e espirituais, que os “puramente” literários. Ou seja, Salinas argumenta que há uma unidade Literária que se comprova pela unidade Ideológica. A ordem hermenêutica tem como gênese a ideologia hipoteticamente homogênea desses escritores, para, logo a seguir, e somente logo a seguir, vislumbrar sua estética homogênea. O raciocínio de Salinas propõe uma síntese própria a muitos dos historiadores e críticos da literatura, que, como assinala Perkins (1992), optam por criar uma síntese epistêmica que desdenha as oscilações próprias do literato e de toda sua recepção.

Todavia, *Literatura española siglo XX* é um estudo inicial, cuja proposta, na visão do pesquisador, é traçar algumas orientações inaugurais para se entender o que estava acontecendo na literatura contemporânea. Com esse discurso, acreditamos que Salinas guia o leitor a considerar que seu labor não é o de esgotar as temáticas do cenário literário espanhol de sua era. Não obstante, é inevitável chegar à consideração de que ele foi totalizante e discriminador no que tange ao método utilizado. Abordou a Geração de 98 como superior a um Modernismo – na sua maioria formado por escritores latinoamericanos, o que abre espaço para se pensar numa provável abordagem xenofóbica, como opina Marçal (2020) – preocupado com futilidades estéticas, em detrimento do outro grupo, cujo olhar profundo, metafísico,

Jangada | v. 11, n. 2, e110205, nov./2023-abr./2024 | ISSN 2317-4722 Página | 9

ontológico, sociológico, enfim, certo e útil em virtude da sua preocupação extraestética. Assim, Azorín criou “A palavra” e Salinas, o profeta, difundiu-a aos quatro ventos, sendo, ato seguido, recolhida por fiéis. Dentre todos os fiéis, o primeiro destacado e também o primeiro em criar uma história da literatura espanhola modernista foi Laín Entralgo.

O caso de Laín Entralgo (1908 – 2001) é especialmente simbólico, pois é seu o primeiro estudo historiográfico sobre a Geração de 98. Por ser o primeiro, apresenta uma certa falsa ingenuidade que Innman Fox, no seu artigo “El concepto de la ‘Generación del 98’ y la historiografía literaria”, explora. Para Fox (1992), Entralgo se deixa levar pela sua ideologia, de clara tendência fascista, a qual se evidencia na seleção e análise dos textos dos autores, procurando ver neles uma literatura proto-franquista. A nosso ver, a limitação do estudo de Entralgo não se encontra tanto na subjetividade do autor – pois toda análise objetiva, por mais objetiva que pretenda ser, é, antes de tudo, subjetiva (PERKINS, 1992) –, mas no método apriorístico.

Entralgo escolhe alguns poucos textos de todos os autores que ele julga da Geração de 98 e a partir deles divisa a relação desses literatos com os seguintes elementos: paisagem, terra, infância, Madri, política, sonhos, Espanha e futuro. Além disso, ele não extrai de cada autor os mesmos gêneros literários, colocando-os, portanto, num desajuste hermenêutico que desequilibra ainda mais a diligência da obra. De Unamuno, seleciona dois ensaios (*Vida de Don Quijote y Sancho* e *En torno al casticismo*) e um romance (*Paz en la guerra*); de Baroja, um ensaio (*Juventud, egolatria*) e um romance (*Camino de perfección*); de Machado, um livro de poemas (*Campos de Castilla*); de Azorín, um ensaio (*La ruta de Don Quijote*) e dois romances (*La voluntad* e *Confesiones de un pequeño filósofo*); de Maeztu, um ensaio (*Defensa de la hispanidad*); e no caso mais ilógico, o de Valle-Inclán, opta por apresentar um estudo biográfico: *Vida y literatura de Valle-Inclán* (1943), de Melchor Fernández Almagro – que, não coincidentemente, como diz Fox (1992), era um grande amigo de Laín Entralgo, e, também, franquista. É como se Entralgo, por falta de tempo, tivesse lido somente as obras selecionadas, e a partir delas, com muita força de vontade e pouco rigor científico, tentasse encontrar um mesmo núcleo epistêmico, ignorando que todos os literatos da Geração de 98 tiveram várias fases ideológicas e estéticas; que todos eles escreveram obras de todos os gêneros, não podendo, por isso, assumir que o que romance expressa segue a mesma linha de raciocínio que um ensaio ou, ainda, uma biografia não autorizada de outrem.

Apesar disso tudo, Entralgo teve a humildade de deixar em aberto o debate do termo azoriniano, manifestando que muitas questões a esse respeito precisavam ser revistas,

principalmente porque até a data da publicação do livro dele, 1945, todos os estudos sobre a Geração de 98 desviaram-se de acordo com a intenção ideológica do pesquisador desse movimento – quanta ironia! – e por isso da necessidade de mais estudos amparados sob a égide da objetividade. Nesse sentido, a pequena humildade restante de Laín Entralgo foi apagada com os estudos de Guillermo Díaz-Plaja (1909 – 1984) na bisseção do século XX sobre a geração literária aqui em estudo, mais importantes e mais emulados pela crítica literária espanhola posterior a ele: falamos de *Modernismo frente a noventa y ocho* (1951), *Historia de la literatura española* (1953) e também *España en su literatura* (1969).

Tais pesquisas apresentam uma face ainda mais direta e absolutista que as previamente resgatadas. Para ele não há dúvidas: houve uma Geração de 98, houve um Modernismo espanhol e houve uma fronteira nítida entre ambos os movimentos literário-ideológicos. Para o intelectual, as cinco características dos primeiros são:

1. Pesimismo patriótico. – Conduce a dos postulados:
  - a) La patria no debe ser cantada aparatosamente puertas afuera (...)
  - b) España debe ser conocida en sus bellezas olvidadas (...)
2. Europeización. – El pesimismo patriótico de los hombres del 98 los lleva a importar ideas literarias, filosóficas y políticas de la Europa de fin de siglo (...)
3. El Autodidactismo. – A diferencia de los orientadores posteriores de la cultura española, que son deformación notadamente universitaria, los escritores de esta generación son autodidactos y batalladores (...)
4. La rebeldía. – La Generación del 98 rompe con la generación precedente. Toda su labor está presidida por una noble ansia renovadora (...)
5. Estilo apurado. – Rehuendo la retórica romántica (...) los escritores del 98 se aplican a un estudio concienzudo del lenguaje, aprovechando el sentido etimológico de las palabras (...). (DÍAZ-PLAJA, 1971, p. 471)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> 1. Pessimismo patriótico. Conduz a dois postulados: a) a pátria não deve ser cantada atrapalhadamente portas à fora (...); b) Espanha deve ser conhecida em suas belezas esquecidas (...); 2 Europeização. – O pessimismo patriótico dos homens de 98 os leva a importar ideias literárias, filosóficas e políticas da Europa de fim de século (...); 3 O Autodidactismo. – À diferença dos orientadores posteriores da cultura espanhola, que são deformações universitárias percebidas, os escritores desta geração são autodidatas e batalhadores (...); 4 A rebeldia. – A Geração de 98 rompe com a geração precedente. Todo seu labor está presidido por uma nobre ânsia renovadora (...); 5 Estilo apurado. – Fugindo da retórica romântica [...] os escritores de 98 se aplicam a um estudo consciente da linguagem, aproveitando o sentido etimológico das palavras (...). (Tradução nossa).

Como se pode ler, Plaja entende a Geração de 98 como uma geração intelectual, pessimista, patriótica, profunda, enfim, tudo aquilo que o Modernismo não é, uma vez que os autores denominados por ele de modernistas (Valle-Inclán, Rubén Darío [1867 – 1916], Manuel Machado [1874 – 1947], Jacinto Benavente, Eduardo Marquina [1879 – 1946], Martínez Sierra [1881 – 1947] e Juan Ramón Jiménez) (DÍAZ-PLAJA, 1971, 1979) oferecem um

sentido receptivo, pasivo y captador de unas formas dominadas por lo sensual y lo hedonístico; su menosprecio de lo colectivo y el goce por lo individual; el retoricismo sensorial y superficial de su expresión; la valoración de lo estético unido a una cierta indolencia mental, el goce por lo intrascendente y por lo instantáneo. (DÍAZ-PLAJA, 1979, p. 163)<sup>13</sup>.

Outra analogia do autor que “assusta” é sua insistência em atribuir à Geração de 98 uma índole varonil, viril e cheia de um vigor de que os Modernistas carecem, dado que estes seriam as cinderelas da modernidade, isto é, vozes femininas, sem força e por isso relegadas a um plano secundário e/ou inexistente no percurso histórico da arte. Celma (1995) considera que Plaja, ao ter que se valer do machismo e da linguagem ofensiva, desvalida-se bastante como ser humano, encolhendo com isso a potencialidade analítica com a que baseia sua proposta. Ainda que as palavras da professora Celma nos pareçam certas, não é apenas a má-fé da analogia de Plaja o que descaracteriza seu texto, mas também, uma vez mais, o método – só que desta vez com outro agravante: a falta de textos literários.

Enquanto Salinas e Entralgo utilizam os textos literários para justificar ideias definidas a priori a partir da hermenêutica acerca dos escritores da Geração de 98, Díaz-Plaja destaca ensaios, artigos, autobiografias e crônicas desses autores, assim como biografias e outros estudos sobre eles, livros de história espanhola do século XIX e primeira metade do XX, entre outros tantos materiais, obviando os romances, poemas, peças teatrais e contos. Ora, se o que ele pretende afirmar é que a Geração de 98 é uma geração intelectual, filosófica, política etc, mas antes de tudo literária, como pode o autor esquecer deliberadamente os textos literários? Com esse questionamento não estamos querendo afirmar que a autobiografia, crônica, história etc. não seja literatura – acreditamos que a noção de verdade/razão/ciência x

---

<sup>13</sup> Sentido receptivo, passivo e captador de umas formas dominadas pelo sensual e hedonístico; seu menosprezo ao coletivo e o prazer pelo individual; o retoricismo sensorial e superficial da sua expressão; a valorização do estético unido a uma certa indolência mental; o prazer pelo intrascendente e pelo instantâneo. (Tradução nossa).

ficção/irracionalidade/literatura já fora colocada inevitavelmente em xeque (NIETZSCHE, 1991) –, mas que o objeto, o texto literário ou o que ele considera texto literário, desaparece antes inclusive de ser nomeado. Dito de outra forma, Díaz-Plaja não deixa a literatura se defender, mesmo sendo acusada de operar sob o respaldo de uma função específica, isto é, da práxis, desalinhada do plano estético, emotivo e lúdico. Foi essa cisão elevada à máxima potência por Díaz-Plaja que nos fizeram chegar às considerações que iremos expor no último tópico.

#### IV

Como já mencionamos, ocorre na segunda metade do século XX um desdobramento crítico com respeito ao termo cunhado por Azorín, que, hoje, grande parte dos estudiosos do modernismo espanhol acompanham. Algumas das pesquisas mais notórias dessa vertente *anticisão* são as de Shaw (1982), Mainer (1980) ou Brown (2000), tidas como pilares da nova historiografia da literatura espanhola moderna. Contudo, nesses estudos ainda é possível ver o acolhimento da ressonância provocada pelo tremor azoriniano, do qual eles não querem ou não conseguem se desassociar. Sim, eles negam a existência das características que os críticos *próciso* manifestam, mas, ao mesmo tempo, quando analisam as obras dos autores do modernismo, valem-se do esquema tradicional.

Donald Shaw (1930 – 2017), na sua obra *Generación del 98* (1982b), argumenta que há uma pluralidade de estilos, temáticas, personagens e ideias no movimento modernista espanhol. Contudo, na hora de selecionar quais seus integrantes principais, volta aos membros exclusivos do clube de Azorín, com a novidade de Ángel Ganivet (1865 – 1898) como pertencente e fundador da associação, mesmo não havendo chegado ao século XX em virtude do seu precoce suicídio.

Gerald Brown (2000) também utiliza os mesmos escritores, sem nenhuma diferença significativa com relação a outras seleções; e Mainer (1980) inova ao situar outros autores, inéditos em grandes analogias de até então, como Manuel Machado – relegado quase sempre ao espectro depreciativo do modernismo *à la* Rubén Darío –, Felipe Trigo (1864 – 1916) ou Ramón Pérez de Ayala (1880 – 1962). O principal aspecto negativo da obra de José Carlos Mainer (1944 –) está tanto na interposição da conjunção aditiva “e” no título (*Modernismo Y 98*), como na desaparecimento de figuras femininas, que na época não eram excessivamente conhecidas, mas que com o tempo descobriu-se sua importância temática e estética na produção

das obras literárias espanholas da primeira metade do século XX. Podemos citar dois casos de significativas vozes apagadas pelos críticos, como o da dramaturga María de la O Lejárraga<sup>14</sup> (1874 – 1974) e a romancista Concha Espina<sup>15</sup>. Sobre elas, o fato de que estudiosos do hemisfério da centúria as obviassem é compreensível, dado seu pouco relevo editorial nessa época, mas nada justifica que especialistas contemporâneos em literatura espanhola moderna como Shaw, Brown ou Mainer não destacassem nem sequer uma literata em suas compilações, como bem destaca Domínguez (2012).

Sobre esse ponto, a justificativa de tal silenciamento é nítida. A falsificação dessa história retoma a questão colocada por Linda Nochlin (1931-2017), a qual, ironicamente, coloca-se no lugar do homem e responde à pergunta: “por que não houve grandes mulheres artistas?”, respondendo o seguinte: “não houve grandes mulheres artistas porque mulheres são incapazes de algo grandioso” (NOCHLIN, 2017, p. 3) ou porque: “se as mulheres possuísem talento para arte este se revelaria espontaneamente. Mas este talento nunca se revelou” (NOCHLIN, 2017, p. 19). Dessa forma se justifica a lógica cis-heteropatriarcal, que, salvando as devidas distâncias, claro, assemelha-se ao arquétipo de Díaz-Plaja, que nomeia a literatura modernista como feminina e, por isso, carente de talento e impulso para transformar o mundo; e a da Geração de 98 como máscula, portanto, sábia, vigorosa e apta para transformar positivamente tudo ao seu redor.

Por outro lado, o pensamento *pró-cisão* de que a poesia ou a literatura como um todo dos modernistas separa-se do mundo e por isso é fútil, não devendo, conseqüentemente, ser apreciada, torna-se um clichê que deve ser tomado, isso sim, como fútil. Salinas, Entralgo e principalmente Díaz-Plaja seguem o raciocínio adorniano de recusar toda aquela poesia/literatura que, a priori, desvincula-se da esfera social. Não obstante, como menciona Siscar, “mesmo nos autores aparentemente mais obscuros, mais deliquescentes, a realidade não é colocada em quarentena” (SISCAR, 2017, p. 156), pois é no gesto de renúncia da realidade

---

<sup>14</sup> A conjuntura de María de la O Lejárraga é ímpar na história da literatura espanhola. Nos últimos anos do século XX, descobriu-se que fora ela, esposa do famoso dramaturgo Martínez de la Sierra, que escrevera as peças deste. A escritora morreu em 1974, em Buenos Aires, sem que se atribuísse a ela a autoria de nenhuma das famosas peças de Sierra. Neste documentário da Radio Televisión Española (RTVE), pode o leitor conhecer mais em profundidade este caso da autora, assim como sua biografia e comentários sobre vida e obra por parte de alguns catedráticos em literatura espanhola: <https://www.rtve.es/alacarta/videos/mujeres-en-la-historia/mujeres-historia-maria-lejarraga/838011/>.

<sup>15</sup> Concha Espina foi uma adepta ao franquismo, trasladando tal ideologia para suas obras (DOMÍNGUEZ, 2012). Acreditamos que Concha Espina fora apagada dos livros de história, também, pelo seu apoio ao fascismo. De qualquer forma, esse fator não impedira que intelectuais como Manuel Machado e Ramiro de Maeztu não apareçam sistematicamente em manuais de literatura espanhola.

que o autor consegue criar uma outra realidade possível, mais essencial para a reestruturação de uma realidade empírica ancorada nos distintos sistemas de opressão da lógica.

Continuando por essa linha, mesmo que Rubén Darío, Jacinto Benavente, Juan Ramón Jiménez ou Manuel Machado fossem realmente autores modernistas/herméticos/fúteis, tal como os nomeia Plaja (1979), sua literatura conservaria sua relevância, pois suas orientações estéticas, mimeticamente esvaziadas – supostamente –, não reduzem a potência artística que carregam seus textos. Ainda assim, é falso que os modernistas não se preocupassem obliquamente com os assuntos do mundo, como também é prejudicial à verdade alegar que os autores da Geração de 98 não valorizassem a questão estética.

Sobre os modernistas, mais especificamente sobre Rubén Darío, considerado o pai do modernismo espanhol, Salinas (2001) argumenta que o nicaraguense é um poeta-cisne, uma vez que sua produção literária se encaminha pelos rumos do místico e do sensual, isto é, do hermetismo e do prazer – o que para Salinas constitui um problema, dado que “los sentidos no son todo el hombre, lo sensual no puede aspirar a asumir la representación de la vida entera. Gozar es vivir, sí; pero también entender es vivir, y en el ejercicio de la inteligencia [...] hay una forma incomparable de placer” (SALINAS, 2001, p. 70)<sup>16</sup>. Essa rivalidade entre inteligência – onde está o mundo, a realidade, o que verdadeiramente importa – e prazer – onde está a abstração, o incognoscível, o que deve ser desdenhado pela sua carência de pragmatismo – é a razão pela qual Rubén Darío sempre é derrotado nas comparações de Salinas e na dos outros críticos que anteriormente citamos como *pró-cisã*. Agora, os *pró-cisã* obviam, provavelmente com má-fé, a contística, a ensaística, a jornalística e a poética rubendariniana, que se atrelam diretamente às temáticas sociais.

A título de ilustração, Darío se apieda do ânimo decadente e economia regressiva da Espanha no começo do século XX, nos artigos “El triunfo de Calibán” e “El crepúsculo de España”, ambos incluídos na coletânea *La España contemporánea* (2016), onde redige suas experiências e impressões na península ibérica, misturando ensaio, crônica e poesia.

Se nos transportamos ao campo da contística, em *Cuentos del rey burguês*, é possível identificar contos que narram o ofício de escritor (“Mis primeros versos” e “El último prólogo”); o suicídio como consequência da insatisfação existencial moderna (“El pájaro azul”); o alto índice de mortalidade do proletariado (“El Fardo” e “Betún y sangre”); a

---

<sup>16</sup> Os sentidos não são tudo no homem, o sensual não pode aspirar a assumir a representação da vida inteira. Gozar é viver, sim; mas também entender é viver, e no exercício da inteligência [...] há uma forma incomparável de prazer. (Tradução nossa).

banalidade da nobreza/burguesia (“La muerte de la emperatriz de China”); teologia (“Voz de lejos” e “Cuento de noche buena”); e até adentra num proto-indianismo (“Huitzilopxtli”) (DARÍO, 2021) que, a nosso ver, não tem nada a invejar ao *neoindigenismo* de José María Arguedas.

Sob outra perspectiva, a Geração de 98 não se direcionou exclusivamente ao campo do social como gostam de afirmar alguns pensadores. Shaw, no seu artigo “Hacia una interpretación sociológica de la Generación del 98”, conta que as preocupações políticas, sociais e laicas desses autores aconteceram somente até, mais ou menos, 1905, momento em que a maioria começa a duvidar das suas convicções partidárias e ideológicas revolucionárias, perdendo, com isso, o espírito reformista e concreto, priorizando, no seu lugar, a abstração, a criação literária, o ser-espanhol, o *Volgksgeist* patriótico e a metafísica (SHAW, 1982a).

Dessa forma, parece-nos que os *pró-cisão* e parte da crítica literária posterior colhem essas características da fase inicial da Geração de 98 e a transportam para toda a sua produção literária madura. Os críticos obviam intencionalmente, primeiro, outras fases desses literatos, em que a preocupação estética-experimental é patente, em oposição à ideia de literatura engajada, cujo compromisso sócio-histórico se descortina numa linguagem e narrativa pragmáticas. Como exemplo, mencionamos o jogo autor-personagem-persona que Unamuno interpõe em seu romance mais conhecido, *Niebla* (1912); ou o teatro surrealista de Azorín na década de 1920, cujas peças: *Old Spain!* (1926), *Brandy, mucho Brandy* (1927) ou *Superrealismo* (1929), por exemplo, são pura essência vanguardista. Também, não podemos esquecer a poesia onírica de Valle-Inclán (*La pipa de Kif*, 1919) ou a poética apócrifa de Antonio Machado (*Juan de Mairena*, 1936 e *Abel Martín*, 1937).

Essas múltiplas obras, alinhadas a momentos distintos da segunda metade do século XX, demonstram aquilo que, se a história da modernidade representa uma “unidade paradoxal, uma unidade de desunidade” (COMPAGNON, 2014, p. 11), assim como uma voz “irônica e contraditória, polifônica e dialética, [que] denuncia a vida moderna em nome dos valores que a própria modernidade criou” (BERMAN, 1986, p. 21), então podemos anunciar que o movimento literário próprio à modernidade, isto é, o modernismo – onde se insere a Geração de 98 e outras “gerações” literárias da modernidade –, caracteriza-se pela pluralidade e pela incapacidade de agrupar harmoniosamente textos e autores numa só esfera racional.

Por isso, preferimos entender o modernismo espanhol como uma gama ampla de autores cindidos, que, por sua vez, têm textos cindidos um dos outros, que, por sua vez, são interpretados por leitores cindidos entre si. Cria-se, assim, uma grande cisão formada por

microcisões, as quais permitem que a experiência literária com os escritores e os escritos do(s) “Modernismo(s)” espanhol estejam livres de axiologias totalizantes.

## REFERÊNCIAS

- AZORÍN, José Martínez Ruiz. *Clásicos y modernos*. 6ª ed. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A. 1971.
- \_\_\_\_\_. *Madrid*. Madrid: Biblioteca Matritense Avapiés, 1988.
- BAROJA, Pío. *El escritor según él y los críticos*. Madrid: Caro Raggio Editorial, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Entrenimientos: dos sainetes y una conferencia*. Madrid; Caro Raggio Editorial, 1926.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Trad: C. F. Moisés, A. M. L. Ioratti, M. Macca. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BROWN, Gerald G. *Historia de la literatura española: el siglo XX (Del 98 a la guerra civil)*. Trad. Carlos Pujol. Barcelona: Editorial Ariel, 2000.
- CELMA, María Pilar, *¿Generación del 96, del 98 o Modernismo?, Castilla: estudios de literatura*, v. 20, p. 47-54. 1995.
- COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad: Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2014.
- CUVARDIC-GARCÍA, Dorde. El debate modernismo-Generación del 98. In: *Revista Reflexiones*, v. 88, p. 101-112. 2009. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/reflexiones/article/view/11526>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- DARÍO, Rubén. *El rey burgués y otros cuentos (Ebook)*. México: E-BOOKARAMA, 2021.
- \_\_\_\_\_. *España contemporánea*. México: Flores Editor y Distribuidor, 2016.
- DÍAZ-PLAJA, Guillermo. *Historia de la literatura española*. Buenos Aires: Ciordia Editorial, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Modernismo frente a noventa y ocho*. Madrid: Espasa-Calpe, 1979.
- DÍAZ-RINCÓN, Clara Fernández. *La crítica al cientificismo de Miguel de Unamuno*. Tese. (Doutorado em História da filosofia) – Faculdade de ciências humanas e sociais da Universidad Pontificia Comillas, Madri, 2017, f. 304.
- DOMÍNGUEZ, Mari Paz. Tras los pasos de Concha Espina: escritoras y periodistas en la sombra: el caso de Félix de Bulnes. In: *Actas del I Congreso Internacional de Comunicación y*

*Género*, 2012. Disponível em: <http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/11734>. Acesso em: 1 jul. 2022.

EKAITZ, Ruiz de Vergara Olmos. *Historia literaria y periodología en la enseñanza*. Dissertação (Mestrado em Formación del profesorado de educación secundaria obligatoria, bachillerato, formación profesional y enseñanzas de idiomas) - Departamento de Didáctica de las Lenguas, Artes y Educación da Universidad Complutense, Madrid, 2021, f. 46.

ENTRALGO, Pedro Laín. *La generación del noventa y ocho*. Madrid: Espasa-Calpe, 1967.

FERRERES, Rafael. Los límites del Modernismo y la Generación del noventa y ocho. In: *Estudios críticos sobre el Modernismo*. Madrid: Editorial Gredos, 1968.

FOX, E. Innman. El concepto de la ‘Generación del 98’ y la historiografía literaria. In: *Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, p. 1761-1770, 1992. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc7d4v4>. Acesso em: 23 nov. 2022.

MACHADO, Antonio. *Campos de Castilla*. Madrid: Cátedra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Los complementares y otras prosas póstumas*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1957.

MAINER, José Carlos. *Modernismo y 98*. Barcelona: Crítica, 1980.

MARÇAL, Márcia Romero. O pensamento de Miguel de Unamuno sobre a Modernidade: europeização, urbanização e progresso. In: *Polifonia*, Cuiabá-MT, v. 27, n. 45, p. 10-32, 2022. Disponível em: [encurtador.com.br/gvNPT](http://encurtador.com.br/gvNPT). Acesso em: 29 mai. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-Moral*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1991.

NOCHLIN, Linda. “Por que não existiram grandes mulheres artistas?”. In: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (orgs). *Histórias da sexualidade: antologia*. São Paulo, Masp, p. 16-37, 2017.

PERKINS, David. *Is literary history possible?* Baltimore e Londres: the Johns Hopkins University Press, 1992.

SALINAS, Pedro. *Literatura española Siglo XX*. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 2001.

SHAW, Donald L. Hacia una interpretación sociológica de la Generación del 98. In: *Actas del Cuarto Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, p. 639-643, 1982a. Disponível em [http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/04/aih\\_04\\_2\\_061.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/04/aih_04_2_061.pdf). Acesso em: 8 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. *La generación del 98*. Trad. Carmen Hierro. Madrid: Cátedra, 1982b.

SISCAR, Marcos. A “poesia pura” como paradigma da tradição. In: *De volta ao fim: O “fim das vanguardas”* como questão da poesia contemporânea. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

UNAMUNO, Miguel de. *Contra esto y aquello*. 3ª ed. Buenos Aires: Espasa – Calpe Argentina, 1950.